

Inteligência espiritual e educação para a paz

Spiritual intelligence and education for peace

Luciana Silva Torres Matsushita*



<https://doi.org/10.29327/256659.13.1-7>

Resumo: este trabalho objetiva a apresentação do tema educação para a paz, a partir da perspectiva da contribuição da espiritualidade para a inclusão social da diversidade no cotidiano escolar e na sociedade. Definem-se os conceitos de espiritualidade e de inteligência espiritual, compatíveis com habilidades de autoconhecimento e socioafetivas, a partir de uma abordagem não-religiosa. Consideram-se aspectos da biologia da crença que sinalizam a existência de uma natureza humana direcionada ao desenvolvimento da inteligência espiritual. Como conclusão tem-se que a inteligência espiritual contribui para a educação para a paz, minimizando dinâmicas de patologias sociais, como a discriminação e o racismo.

Palavras-chaves: Inclusão social; Inteligência espiritual; Espiritualidade; Educação para a paz.

Abstract: this work aims to present the education the me for peace, from the perspective of the contribution of spirituality to the social inclusion of diversity in everyday schoollifeandsociety. The concepts of spiritualityand spiritual intelligence are defined, compatiblewith self-knowledgeandsocio-affectiveskills, from a non-religious approach. Aspects of the biology of belief that signal the existence of a human nature directed to the developmentof spiritual intelligence are considered. In conclusion, spiritual intelligence contribu-texto education for peace, minimizing dynamics of social pathologies, such as discrimination and racism.

Keywords: Social inclusion; Spiritual intelligence. Spirituality. Education for peace.

Introdução ao conceito de espiritualidade

A espiritualidade tem sido tema recorrente no imaginário coletivo e na produção acadêmica, especialmente em função dos desafios que a humanidade enfrenta com a pandemia pela COVID-19 e com o agravamento de patologias físicas e mentais, assim como as sociais, como a desigualdade social, a discriminação e o racismo.

*Administradora Industrial (CEFET/RJ). Mestre em Administração Pública pela EBAPE da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Professora da Faculdade de Ciências Sociais da UNIRIO. E-mail: luciana.matsushita@unirio.br.

Segundo Alencar *et al* (2021, p. 95), o conceito de espiritualidade relaciona-se ao termo originário do latim *spiritus*, que significa: cheio de espírito ou inspirado. De acordo com os autores, “abrange todas as expressões de religiosidade, independentemente de religiões, sendo considerada na atualidade como o conceito superior que aglutina inúmeros fenômenos religiosos”. A espiritualidade corresponde ao contato da pessoa com o seu “Eu” profundo que torna a vida mais interessante e dinâmica.

Silva e Goto (2020, p. 43) estudaram o tema psicologia e espiritualidade por meio de revisão de literatura, em que se buscou identificar os conceitos existentes e tecer um cenário no Brasil. De acordo com os autores, o fato de o Brasil ser um país religioso, torna a correlação entre espiritualidade, religião e religiosidade bastante significativa, com cerca de 90% dos artigos recuperados.

Neste trabalho, os autores observaram a prevalência da associação da espiritualidade à busca de sentido, significado e propósito de vida; da relação com o transcendente ou transcendência; da relação com o sagrado; e com a ideia de divino ou força superior. A espiritualidade pode ainda relacionar-se a ideias como:

relação do “Eu” com o universo, com o cosmos, consigo mesmo e com os outros; atitude interna, força interior, práticas intrínsecas e individuais; reflexão, tomada de consciência ou razão; crescimento humano, transformação individual e amadurecimento; energia; abertura e dinamismo; fé, crenças e pensamento positivo; integração, mística e unidade; valores morais como esperança, respeito, confiança, amor, compaixão, tolerância, paciência, perdão, responsabilidade e harmonia; e também, algo imaterial e que transpõe o estado emocional e biológico – algo essencial que controla mente e corpo (SILVA; GOTO, 2020, p. 43).

A espiritualidade pode ser, portanto, compreendida como uma habilidade humana, independente de crença ou prática religiosa, que se relaciona ao modo como a pessoa lida consigo mesma, com o outro e com o ambiente que a cerca. Pode ainda ser definida como um conjunto de aptidões conquistadas por quem se dispõe ao esforço empreendido no desenvolvimento de hábitos e costumes que levam à transcendência e ao encontro de um sentido para a vida.

A espiritualização pode ser considerada como um processo de aquisição de competências relacionadas com o aprender a ser e a conviver, necessárias para o estabelecimento da paz em si mesmo e na interação com o outro, num processo de busca pela autonomia e pela liberdade em si e da coletividade. Baseia-se no

autoconhecimento, que objetiva o bem-estar próprio e das interações sociais baseadas no diálogo e no respeito mútuo.

Cabral (2016, p. 44) afirma que o diálogo é o princípio da tolerância e do respeito mútuo entre as diversas crenças e que “a compaixão poderá quebrar a enorme barreira que impede o diálogo entre crentes e ateus, chamada fechamento, fechamento, sobretudo para dialogar”.

Portanto, ser espiritualizado está vinculado à busca pelo diálogo e todo o conjunto de pressupostos que a comunicação deliberada exige. Trata-se de ter consciência sobre ser e permitir que o outro também seja, a partir do encontro que cada pessoa pode estabelecer com o seu Eu superior.

Cabral (2016, p. 44) tece uma análise da obra: *O Espírito do Ateísmo*, de Comte-Sponville, e propõe uma discussão saudável entre crentes e descrentes com o objetivo de alcançar-se uma convivência harmônica sem rendição aos dogmas e a depreciação do pensamento diferente. Comte-Sponville (2015, p. 129) distingue o conceito de espiritualidade da ideia de religião, afirmando que esta é uma de suas expressões, “como o todo e a parte, o gênero e a espécie”. Aborda esta distinção afirmando que a espiritualidade nem sempre é religiosa, mas que toda religião integra a espiritualidade. Assegura que a busca de um sentido de vida é parte da condição humana e pode ser exercitada a partir de uma espiritualidade laica, apresentando, deste modo, uma nova perspectiva sobre a procura pela transcendência humana.

Ser espiritualizado, entre outros entendimentos possíveis, corresponde a olhar o mundo como se fosse a primeira vez, sem julgamentos, com liberdade para si mesmo e para o outro, que passa a ter espaço para se autodeterminar e se expressar no mundo. Estando o homem livre de juízos de valores, não percebe a vida como um risco, mas como um caminho que lhe oferece inúmeras possibilidades de aprendizado. Transcender os medos e bloqueios gerados, muitas vezes, por outros homens também com medos e bloqueios, talvez seja o desafio que superado, colabore para a construção da paz.

De acordo com Vaillant (2010, *apud* Sá; Aquino, 2017, p. 224), a espiritualidade humana “corresponde às experiências psicológicas relacionadas à ideia de conexão entre o ser humano e o transcendente”, sendo a religião uma experiência essencialmente cognitiva e a espiritualidade, emocional. No entanto, a espiritualidade pode e deve estar presente na vida religiosa, representada pelo amor

por uma divindade, pela religião, pelo outro e por si mesmo, pelo autoconhecimento e pelo caminho evolutivo.

O conto dos cinco sábios cegos, do folclore Hindu, pode nos trazer algumas reflexões acerca das imagens que algumas perspectivas sobre a espiritualidade produzem. No conto, cinco sábios cegos usam seu tato para definir o que é o elefante, todos estão corretos, no entanto, cada um apresenta apenas parcialmente o que pode ser definido como elefante. A estória apresenta a importância da conexão de saberes para que se tenha uma ideia mais aproximada da realidade, mas nunca a realidade em si, cujo conhecimento restringe-se a aspectos cognitivos e emocionais também limitados pela condição humana.

A espiritualidade pode ser analisada a partir de suas dimensões histórica, religiosa, cultural, política, econômica, do trabalho e das organizações, da educação, da biologia das crenças, das neurociências da religiosidade, e das subjetividades. Este trabalho concentrar-se-á no ponto de vista da educação, apresentando algumas intersecções que faz com outras perspectivas possíveis.

Inteligência espiritual

De acordo com o Dicionário Online (2020), inteligência é a “habilidade para entender e solucionar adversidades ou problemas, adaptando-se a circunstâncias novas”. Zohar e Marshal (2020, p. 17) afirmam que inteligência intelectual ou racional é a que atua na solução de problemas lógicos. Esta inteligência permaneceu por tempo razoável como única, envolvendo o uso de habilidades necessárias ao processo de resolução de questões da vida cotidiana. Criou-se, então, o chamado coeficiente de inteligência (QI), que foi associado a grandes nomes da história da ciência mundial, como foi Albert Einstein, com a Teoria da Relatividade, e Stephen Hawking, com teorias acerca do surgimento do universo, sobre espaço e tempo.

No entanto, percebeu-se que havia outras categorias de inteligências capazes de levar as pessoas a refletirem sobre o cotidiano da vida e propor soluções práticas. Tais habilidades não eram da ordem da inteligência cognitiva, mas tinham origem em outras formas de percepções da vida e de modos peculiares de interpretações e manifestações do mundo.

Goleman (1996, p. 04) realizou pesquisas com neurocientistas e psicólogos na década de 90 e popularizou a ideia de inteligência emocional ou quociente

emocional – QE, que trata das habilidades humanas relacionadas com a compreensão das emoções e sentimentos próprios e do outro, correspondendo ao princípio da empatia e da compaixão.

Aborda a relevância da compreensão das estruturas do cérebro humano, que atuam no controle dos impulsos emocionais mais destrutivos, como a raiva e a ira, que fogem ao uso da racionalidade. Apresenta as habilidades envolvidas no comando das emoções e sentimentos, como requisitos essenciais para a vida em sociedade.

Com o avanço das investigações sobre as diversas habilidades humanas, foram incluídas aquelas relacionadas com aspectos cada vez mais complexos da vida em sociedade, como os que envolvem o bem-viver, a evolução da ética, dos direitos humanos e da relação homem-natureza.

Com o avançar das investigações no campo das inteligências humanas, surgem diversas categorias, entre elas o conceito de inteligência espiritual, ou quociente espiritual – QS.

De acordo com Zohar e Marshal (2000, p. 17), inteligência espiritual corresponde ao conjunto de habilidades com as quais se ampliam contextos de vida, mais rico e gerador de significados, “a inteligência com a qual podemos avaliar que um curso de ação ou caminho faz mais sentido do que outro”. O QS, de um modo resumido, possibilita o uso da criatividade, a mudança de regras, o senso moral, a capacidade de fazer escolhas, de sonhar e de superar situações difíceis.

Ainda de acordo com os autores, existem algumas habilidades essenciais da inteligência espiritual, como a transcendência do físico e do cotidiano; a sacralização da experiência cotidiana; a utilização de recursos espirituais para resolver problemas da vida; envolver-se em comportamento virtuoso ou ser virtuosos; mostrar perdão; para expressão da gratidão; para ser humilde; para demonstrar compaixão e sabedoria.

A inteligência espiritual corresponde a uma habilidade que leva à busca pela transcendência, que pode assumir o significado de procura pela superação de si mesmo, de limitações físicas e socioafetivas, por exemplo. A compreensão da inteligência espiritual torna-se uma busca constante da sociedade em prol de convivências mais saudáveis, a partir de pessoas mais conscientes dos objetivos de suas existências e de suas interações com outras consciências.

Os conceitos de inteligência avançaram no decorrer da história e muito se descobriu sobre aspectos biomédicos e sociais relacionados. Faz-se necessário identificar e avaliar quais são as habilidades mais favoráveis à preservação da vida no planeta.

A conquista da inteligência espiritual demanda o esforço de superação da doutrinação social em favor da vontade. Historicamente foram diversos os exemplos de pessoas que desconstruíram crenças e mudaram o *status quo* da sociedade com ideias inovadoras.

Neste sentido, pode-se citar como exemplo de transcendência na música: Chiquinha Gonzaga; na arte paisagística e na arquitetura: Roberto Burle Marx; na arquitetura: Oscar Niemeyer; na religião católica e no amparo a pessoas em situação de vulnerabilidade social: Santa Dulce dos Pobres; e no espiritismo e no amparo aos necessitados: Francisco Cândido Xavier.

Na história houve grandes nomes, como: Jesus de Nazaré, Buda, Lao-Tsé, Gandhi, São Francisco de Assis, Clara de Assis, Madre Teresa de Calcutá, Irmã Dulce, com ampla inteligência espiritual: amor, consciência expandida, humildade, simplicidade, vontade, devoção, coragem, mansuetude, deixando as melhores e mais bem aceitas recomendações para uma vida com inteligência espiritual.

Foram as religiões, durante muitos séculos, os meios procurados pelas pessoas para o desenvolvimento da inteligência espiritual. No entanto, não é apenas nas instituições religiosas que se pode desenvolver tais habilidades. Estas podem ser estimuladas na família, na escola, em grupos e associações que fundamentam práticas de autoconhecimento e o exercício de virtudes.

Entre outras funções, as religiões têm como objetivo religar o homem à sua fonte criadora, divindade ou algo superior à sua concepção de si mesmo. Tendo cada qual suas próprias crenças e diretrizes a nortear as escolhas e os comportamentos de seus fiéis.

Ter uma religião, isto é, assimilar o seu conjunto de crenças, seguir suas orientações, atuar ou fazer parte de uma comunidade religiosa, corresponde apenas a uma pequena parte do processo de espiritualização. É preciso haver esforço individual na aquisição de virtudes e habilidades que constituem o escopo da inteligência espiritual. É preciso ter sentimento e ação. Bastos (2019, p. 659) publicou os resultados de sua pesquisa de campo realizada com estudantes do hin-

duísmo (yoga, meditação e escrituras básicas), do Rio de Janeiro, durante aproximadamente dez anos.

Verificou que as principais habilidades adquiridas se relacionavam com o aprendizado do sentido do “Eu” consciência e seu papel (darma) no mundo; da compreensão dos conceitos de felicidade e de sofrimento; e de como tornar-se *yogisa* partir do tipo de mentes e estágio em que se encontravam. Exercitar a mente é essencial para ampliar a consciência de si e melhorar a sua relação com o mundo exterior. A força do “Eu” superior no comando da mente, o bem-estar, o sentir e agir, são os objetivos finais. Deste modo, a autora conclui, entre outras reflexões, que a habilidade humana da espiritualidade pode localizar-se no controle da mente e dos impulsos, como também consta nas escrituras hinduístas, como o *BhagavadGita*.

Neurociências das religiões e a biologia da crença

Segundo Maraldi e Martins (2021, p. 40), a teologia e a filosofia concentraram seus estudos sobre as crenças e as experiências religiosas. No entanto, na origem da psicologia científica, pensadores como Carl Jung dedicaram-se à compreensão das manifestações religiosas em suas dimensões fenomenológicas, psicodinâmicas e psicossociais.

Atualmente, diversos pesquisadores dedicam-se à compreensão dos processos cognitivos e neurofisiológicos da crença e da descrença religiosas, buscando o entendimento dos fundamentos biológicos e dos fatores pré-psíquicos da religiosidade, no que se pode denominar por neurociências das religiões ou biologia da crença, conforme a área e o aspecto a que se dedica.

Paiva (2007, p. 190) destaca o papel da contra-intuição, emoções e sentimentos, “possibilitados pela arquitetura da mente e do cérebro e responsáveis por uma abertura cognitiva que resulta em vários subprodutos, dentre os quais o subproduto da religião”. As crenças e experiências, a partir de uma perspectiva evolucionista, tornaram-se possíveis apenas após o desenvolvimento e da ação encadeada de várias estruturas do cérebro, em função dos processos de adaptação biológica exigidos.

Neste sentido, alguns experimentos, apesar de possuírem objetivos distintos, tiveram como consequência um maior entendimento sobre aspectos biológi-

cos da crença e da religiosidade. Entre eles pode-se destacar o experimento que deu origem à descoberta e compreensão dos neurônios espelhos, que são reconhecidos como a origem biológica da empatia, uma das habilidades atribuídas à inteligência espiritual.

Caetano e Ferreira (2018, p. 148) relatam a descoberta dos neurônios espelho em pesquisa realizada a partir do funcionamento do cérebro de macacos *Rhesus* na década de 1990, anunciada por Giacomo Rizzolatti e seu grupo de neurocientistas.

Neste experimento, descobriu-se que os macacos apresentam determinada categoria de neurônios que são ativados a partir da observação do outro. Quando o outro tem determinado comportamento, o que observa tende a reproduzi-lo. Mesmo que não o façam de imediato, a área do cérebro onde se localizam tais neurônios permanecem ativadas, como se a atividade motora fosse realizada. Estes neurônios foram denominados de neurônios espelhos e foram também observados em seres humanos. Após o evento, numerosas pesquisas vêm enfatizando a existência do sistema de neurônios espelho humano, com capacidade de codificação de algumas funções mentais, “como o reconhecimento de ações motoras (sistema de correspondência), imitação (cópia e repetição), empatia (teoria da mente), processos da linguagem e até mesmo o autismo”.

Deste modo, pode-se afirmar que existe, como parte da natureza humana, uma conexão invisível capaz de fazer com que pessoas se coloquem na posição de outras, tornando possível a percepção e a reprodução de seus comportamentos e emoções. O sistema neural simula o que percebe em outra pessoa, antes mesmo do corpo reproduzir em si mesmo aquilo que observou. Esta habilidade costuma ser percebida desde a primeira infância.

A psicopatia aparece, deste modo, como um contraponto da empatia. Soeiro e Gonçalves (2010, p. 237), apresentam o conceito de psicopatia como um conjunto de características ou traços de personalidade com ou sem história de anti-sociabilidade, desde a infância, piorando na adolescência e persistindo na fase adulta. Vão em busca de status e poder e tem a completa ausência de empatia.

Soares e Oliveira (2018, p. 90), utilizam a pesquisa teórica em neurociências para apresentar os processos neurais envolvidos com o aprendizado social e a imitação na infância. Para tal, buscam inspiração nas teorias comportamentais

de Piaget e Vygotsky avaliando os contextos nos quais pode ocorrer a agressividade infantil. Pode-se considerar que a imitação não ocorre apenas a partir de comportamentos tidos como ideais, absolutamente tudo pode ser percebido, sentido e reproduzido pelo sistema neural humano. Deste modo, o exemplo surge como um dos principais estímulos ao desenvolvimento da inteligência espiritual e espiritualidade em pessoas.

Educação

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018, p. 8), apresenta dez competências gerais, que consubstanciam, pedagogicamente, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança e do adolescente. Na BNCC:

Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza (BRASIL, 2018, p. 8).

A escola costuma ocupar-se mais sistematicamente com aspectos do desenvolvimento de habilidades relacionadas com a inteligência intelectual e racional da criança e do adolescente. Porém, também em atendimento à BNCC, começa a contribuir, de modo planejado e estratégico, com o desenvolvimento de aspectos de uma educação integral, que considera a relevância das questões socioemocionais do crescimento humano e social.

Neste sentido, apesar dos desafios impostos pela precariedade da educação no Brasil, especialmente nos últimos anos, reconhece-se os esforços de professores e gestores no compromisso com o desenvolvimento humano e social. A educação emocional da criança e do adolescente é essencial e o ambiente parece favorecer a construção das habilidades envolvidas.

Neste sentido, Wallon (*apud* MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 12) trata de aspectos do ambiente relacionados com o aprendizado, como, por exemplo, a confiança que o professor deve ter na capacidade do estudante. Afirma ainda que é essencial que o ambiente educacional seja constituído por estímulos socioafetivos. A criança aprende mais quando sente o afeto dos professores, funcionários e

colegas e percebe-se como parte da comunidade escolar, fato que influencia diretamente em sua autoestima.

Mais do que recursos didáticos e tecnológicos, são os recursos socioemocionais e espirituais que compõem os ambientes escolares, os principais aspectos externos de estímulo ao aprendizado.

Existe uma crescente preocupação com a saúde mental de crianças e adolescentes, em especial no período de pandemia e pós-pandemia da COVID-19.

A adolescência (10-19 anos) corresponde a um momento crítico da vida humana, preparando a pessoa para a fase adulta. Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS (2020), a maioria das pessoas passam por uma infância e adolescência saudável. No entanto, “múltiplas mudanças físicas, emocionais e sociais, incluindo a exposição à pobreza, abuso ou violência, podem tornar os adolescentes vulneráveis a condições de saúde mental”. Deste modo, a depressão corresponde a uma das principais causas de incapacidade nesta faixa etária (10-19 anos).

As consequências de não abordar as condições de saúde mental dos adolescentes estendem-se à idade adulta, prejudicando a saúde física e mental e limitando futuras oportunidades. Faz-se necessário avaliar o quanto as demandas socioeconômicas oferecem de reforço a questões que afetam a saúde mental.

Neste sentido, afirma Safatle (2021, p. 30), existem processos de intervenção social, em que ocorre o trabalho de design psicológico, isto é, em que acontece a internalização de predisposições psicológicas voltadas aos princípios neoliberais, contribuindo para que as grandes marcas, com seus produtos, pareçam nascer do coração e da mente dos indivíduos.

Numa mesma direção, Corbí (2010, p. 14) assegura que existe um vínculo entre aspectos econômicos e o modo como as sociedades elaboram suas crenças e suas subjetividades. Historicamente as crenças religiosas acompanham as mudanças de desenvolvimento socioeconômico no mundo, dando suporte espiritual à vida material. Este autor propõe ainda que existe, na atualidade, uma crise religiosa em que surgem novos paradigmas sobre religiosidade e uma nova espiritualidade, agora leiga, fundamentada na minimização da religião na hipermodernidade. Neste novo paradigma, o homem apresenta-se como o templo de si mesmo.

O desenvolvimento da razão e das emoções humanas estimulam mudanças na sociedade, sendo deste modo, estruturante. Em sentido inverso, o desen-

volvimento humano é estimulado pelas mudanças sociais, sendo, portanto, estruturado. As crenças religiosas são revisitadas a cada avanço da consciência e passando a ser percebidas de outros modos, ou mudam-se as crenças.

Em outras palavras, a jornada de uma alma é dinâmica, estabelecendo conexões em si e com o outro, num infinito movimento de cocriação das realidades subjetiva e objetiva.

Neste movimento evolutivo humano e social, a escola pode representar uma fonte de recomendações para uma vida com mais inteligência espiritual e, conseqüentemente, mais inclusão social e convivências mais harmônicas.

Apresenta-se como potencial território neutro, onde os conflitos existentes visam responder a demandas da vida cotidiana e promover reflexões para a paz. É na escola que a diversidade convive e dialoga, no encontro de alternativas comuns para o bem-estar da coletividade.

Neste sentido, torna-se essencial a reflexão sobre o papel da escola no estímulo ao desenvolvimento de aspectos da inteligência espiritual e da espiritualidade leiga em crianças e adolescentes, que sejam capazes de contribuir para a promoção de ambientes escolares mais inclusivos.

A educação, que privilegie as aquisições socioafetivas e espirituais na infância e na adolescência, pode contribuir para que se amplie a tolerância e que se reduza a violência, a partir de relações fundamentadas no diálogo, na autonomia e na liberdade.

Para tratar-se de paz, é preciso identificar os diversos aspectos que compõem a sua antagonista: a violência. Esta ocorre não apenas a partir de mecanismos físicos, mas também psíquicos e morais. As raízes da violência podem estar relacionadas com a intolerância, o racismo e a discriminação e seu combate requer a atuação de todos na desconstrução de aspectos micro e macrosociais de sua gênese.

No âmbito da violência física, Cerqueira *et al* (2021, p. 14), aponta no Atlas da Violência 2021, alguns elementos que podem representar um futuro com aumento do número de homicídios no Brasil. Os principais fatores são a política federal que, desde 2019, tornou-se permissiva em relação às armas de fogo e à munição; a intensificação da violência no campo, tendo como principais vítimas os indígenas, os sem-terra, os assentados e as lideranças agrárias; a violência policial, com a vitimização de civis e de policiais. Existe, portanto, um árduo tra-

balho de combate à violência que deve começar pelo esforço individual em tornar-se melhor para si e para os outros.

Não apenas a educação cognitiva e intelectual, mas também a educação espiritual, emocional e social devem ser objetos de ocupação da sociedade, a fim de que a discriminação, o racismo, o sexismo, o preconceito contra as pessoas com deficiências, e todas as formas de intolerância e exclusão possam ser minimizadas a partir do foco que se deve ter no indivíduo, suas emoções, sentimentos, interações e ações.

A educação pode fundamentar-se no modo como o estudante interpreta a si mesmo, o mundo exterior e interage, de modo harmônico ou não, com o que há fora de si. Conhecer-se, sentir-se e agir pacificamente em relação ao outro, preservando-se e respeitando os demais, podem ser meios de desenvolver a cultura para a paz em si próprio, na escola, nas famílias e na sociedade.

Todas as políticas públicas que visam o controle da segurança pública e a redução da violência, em qualquer âmbito, serão ineficientes se não tiverem como focos a educação, a saúde física, mental e social e no bem-estar de todos.

Considerações finais: a inclusão na escola

A inclusão social da diversidade tem sido o foco de debates nas diversas esferas da sociedade, porém, ressalta-se a importância desta discussão na escola, e entre os grupos de interesse na educação, como meio de promover o despertar de pessoas mais conscientes e espiritualizadas, capazes de construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Do ponto de vista evolutivo e biomédico, pode-se afirmar que existe uma predisposição da humanidade para o desenvolvimento da inteligência espiritual, o que corresponde a um conjunto de habilidades humanas que são favoráveis a convivências mais harmônicas, com maior integridade e destinadas ao bem-estar coletivo.

Conclui-se, deste modo, que a paz tem início em cada pessoa e a escola inclusiva é capaz de estimular comportamentos mais fraternos e solidários e a expansão de consciências mais hábeis na convivência com a diversidade.

Referências

- ALENCAR, Lucileide Leila Tavares Vale; JESUÍNO, Filipe Menezes; SILVA, Arnislane; SANTOS, Michelle Steiner. A importância da Espiritualidade como construtora do processo de individuação. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 12, n. 1, Vassouras, 2021, p. 94-99.
- BASTOS, Cecília. Meditação e yoga nas camadas médias do Rio de Janeiro: análise do campo nos estudos da BhagavadGita. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB: Religare**, v. 16, n. 2. Paraíba, 2019. P. 659-691.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, 2018.
- CABRAL, João Robson. Diálogo entre teístas e ateus na perspectiva de André Comte-Sponville. **Revista Interdisciplinar de Filosofia e Teologia: Dialogando**. v. 1, n. 2. Quixadá, 2016, p. 37-53.
- CAETANO, Allan Felipe Rodrigues; FERREIRA, Francisco Rômulo Monte. Neurônios espelho: reflexos de uma reflexão. **Associação Brasileira de Filosofia e História da Biologia**, v. 13, n. 2, São Paulo, 2018, p. 147-168.
- CERQUEIRA, Daniel. **Atlas da Violência 2021/Daniel Cerqueira et al**. São Paulo: FBSP, 2021.
- COMTE-SPONVILLE, André. **O espírito do ateísmo**: introdução a uma espiritualidade sem Deus. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2007.
- CORBÍ, Mariá. **Para uma espiritualidade leiga**: sem crenças, sem religiões, sem deuses. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2010.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Sextante, 1996.
- INTELIGÊNCIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto, 7Graus, 2021. Disponível em <https://www.dicio.com.br/inteligencia>. Acesso em: 20/02/2020.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Revista Psicologia da Educação**, v. 1, n. 20, São Paulo, 2005, p. 10-30.
- MARALDI, Everton de Oliveira; MARTINS, Leonardo Breno. Contribuições da psicologia evolucionista e das neurociências para a compreensão das crenças e experiências religiosas. **Revista de Estudos da Religião**, v. 17, n. 1. São Paulo, 2017, p. 40-69.
- PAIVA, Geraldo José de. Psicologia cognitiva e religião. **Revista de Estudos da Religião**, v. 7, n. 1. São Paulo, 2007, p. 183-191.
- Saúde Mental dos Adolescentes. **Organização Panamericana de Saúde**, 2020. Disponível em <https://www.paho.org/pt/brasil>. Acesso em 28/12/2020.

SÁ, Lorena Bandeira Melo; AQUINO, Thiago Antônio. A espiritualidade e o sentido de vida a partir do discurso do sujeito coletivo ateu. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**. v. 9, n. 1, Curitiba, 2017, p. 221-241.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian. (Org.) **Neoliberalismo: como gestão do sofrimento psíquico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SILVA, Lauren Manuela de Paula; GOTO, Tommy Akira. Psicologia e espiritualidade na produção científica brasileira. **Revista de Estudos e Pesquisa da Religião: Lumen**, v. 23, n. 2, Juiz de Fora, 2020, p. 39-49.

SOARES, Adriana Maria Ricoy; OLIVEIRA, Celina Pires do Rio. Neurônios espelhos na aprendizagem social e comportamental na educação infantil: uma análise transdisciplinar da imitação e da empatia sob a perspectiva neurocientífica. **Revista do Curso de Pedagogia da FUMEC: Paidéia**, v. 8, n. 20, Belo Horizonte, 2018, p. 89-107.

SOEIRO, Cristina; GONÇALVES, Rui Abrunhosa. O estado da arte do conceito da psicopatia. **Revista Análise Psicológica**, v. 28, n. 1. Lisboa, 2010, p. 227-240.

ZOHAR, Danah; MARSHAL, Ian. **Inteligência espiritual – QS: aprenda a desenvolver a inteligência que faz a diferença**. Tradução de Ruy Jungmann. 8. ed. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2020.

Recebido em 14/12/2021

Aceito para publicação em 24/01/2022